

AVENTURA DIASPÓRICA EM EDUCAÇÃO E OS ESTUDOS CULTURAIS

Sérgio Lasta *

Resumo:

Aventura diaspórica em Educação e Estudos Culturais narra, juntamente com alguns fundamentos teóricos, como tem sido minha trajetória no Doutorado em Educação. É um artigo autobiográfico porque estou implicado em tudo o que escrevo e, nele, conto minhas expectativas, resistências e perspectivas sobre o curso. Fiz uma reflexão sobre como estou percebendo esse percurso até o presente momento; falo das surpresas e dos questionamentos em relação à minha docência e como ser humano até adentrar, ou mergulhar, nos Estudos Culturais e me deparar com um novo universo até então desconhecido. É uma aventura diaspórica porque não chegarei a um ponto final ou a uma conclusão, nem completar o destino, mas “migrar” constantemente de um lugar para outro sem “morada” fixa ou definitiva. Trata de um texto com o respaldo da pós-modernidade e educação.

Palavras-chaves: Estudos Culturais. Diáspora. Cultura. Educação.

Resumen:

Aventura diaspórica en Educación y Estudios Culturales narra, juntamente con algunos referenciales teóricos, como há sido hasta ahora mi trayectoria en el Doctorado en Educación. Es un artículo autobiográfico porque yo estoy involucrado en todo lo que escribi y, cuento mis expectativas, puntos fuertes y puntos débiles en relación a mi mismo en este curso. Al reflexionar sobre como me estoy dando cuenta de este viaje hasta ahora; hablo de las sorpresas y preguntas acerca de mi enseñanza y como un ser humano para entrar, o somergirse en los Estudios Culturales y me encuentro con un nuevo mundo hasta ahora desconocido. Es una aventura diaspórica porque no voy a llegar al final o a una conclusión, ni completar el destino, pero “migrar” siempre sin morada definitiva. Es un texto respaldado por la postmodernidad y educación.

Palabras-claves: Estudios culturales. Diáspora. Cultura. Educación.

1 Introdução

Neste texto fiz uma reflexão sobre minha trajetória no campo dos Estudos Culturais. Manifestei minhas perspectivas e expectativas onde demarquei o que significou entrar nessa área do conhecimento e as surpresas que fui percebendo. Manifestei, também, o que significou e as descobertas que fui obtendo.

Desde os primeiros encontros com os Estudos Culturais, tive a impressão de que encontrei aquilo que buscava. Buscava algo mais, além da Psicanálise e da Psicologia. Algo faltava, como se houvesse um “vazio” e não sabia onde buscar.

Quando me deparei com essa possibilidade, fiquei um pouco apreensivo por perceber que o campo estava embasado na pós-modernidade, com a qual sempre tive

*Professor na Faculdade Palotina – FAPAS – em Santa Maria, RS e doutorando na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA – Canoas, RS.
Email: sergiolasta@terra.com.br

muita resistência. A pós-modernidade não me entusiasmava muito até então. Talvez por ser um tema pouco conhecido para mim devido a um certo desinteresse e as minhas resistências entraram em cena. Pensei que seria mais um tema da “moda” e passageiro.

Os meus conhecimentos sobre Freud e a psicanálise me levaram, também, para uma leitura do social e da cultura. Pensei que isso seria suficiente. Pensar que seria suficiente foi uma grande armadilha que, ainda em tempo, pude sair dela. Não significa abandonar a Psicanálise, mas fazer aproximações com os Estudos Culturais. Por isso que nesse texto falei da minha virada em relação à pós-modernidade. Comecei entender como a cultura se enlaça com a educação apesar das críticas.

Porém, ao adentrar mais no campo dos Estudos Culturais através das diferentes disciplinas, fui conhecendo e me dando conta de que, até agora, tenho vivido numa diáspora. Ter vivido numa diáspora significa que migrei de um lado para outro em diferentes áreas do conhecimento. Percebi-me diaspórico porque nunca me contentei com uma única área. Busquei sempre mais, me aventurei em diferentes contextos. “viajei” por outros “países” e “continentes” e não me estabeleci de forma definitiva. Essas migrações me levaram a perceber que sou bastante híbrido, conceito novo para mim, mas é como me percebo.

Ao não me estabelecer e nem fixar morada, transito por diferentes áreas num processo de hibridação. Ser híbrido significa não ter pureza, conceitos definidos e verdades totalizantes. Isso me permitiu olhar para a Educação por diferentes ângulos e perceber novos espaços pedagógicos.

Neste artigo relatei minha trajetória feita de encontros com autores que lançam outros olhares para a Educação. Certamente essa aventura diaspórica será mais uma “viagem” para fora de lugares estabelecidos e romper com metarrativas, verdades totalizantes que sempre pautaram a Educação. Perceber que há muitas “vilas” e sair dos microfascismos, de dentro dos muros, que têm conduzido a Educação durante muito tempo.

Entendo, que ser professor nesses tempos pós-modernos significa ser diaspórico, não ter identidade fixa, não seguir um único modelo de pedagogia. Significa romper com paradigmas e entender que a cada chegada é um ponto de partida. Cada chegada é o início de outra viagem para outros lugares.

2 Perspectivas e expectativas

O título do artigo sugere a minha inserção na educação como professor, minhas migrações por esse campo e pelo itinerário do saber. Esse itinerário tem sua história,

muitas idas e vindas, recheado de dúvidas, incertezas, angústias e, também, de bons momentos. Fui me deparando com diferentes tipos de situações procurando encontrar um caminho, um lugar definitivo e ali me fixar para sempre.

Nunca encontrei o lugar que eu queria. Mas o lugar que eu queria encontrar seria o tipo de professor que gostaria de ser. Ouvi muitas e vezes e ainda ouço, falar de um perfil de educador. Mas, ao mesmo tempo em que queria encontrar esse perfil, me perguntei muitas vezes se existe mesmo e como seria. Entendo com Stuart Hall que: “Tudo isso compõe os antecedentes que explicam porque finalmente migrei.” (HALL, 2003, p. 413).

Fui migrando como alguém tentando encontrar uma identidade de professor, mas fui percebendo que não existe, apesar de conhecer muitos lugares. Penso assim com Hall que diz: “... mas não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada.” (HALL, 2003, p. 415).

Essa chegada sempre adiada significa, para mim, a impossibilidade de me fixar seja como professor “ideal” ou seja lá quem for. Existe um percurso que deu o tom da minha trajetória por diferentes áreas do conhecimento. Transitar por diferentes áreas significou não ter uma pátria definitiva, fixar moradia. Significa migrar de um lugar para outro sem me acomodar. A isso se deve minha entrada na pós-graduação em Educação cujo tema central é: Estudos Culturais.

Poderia ter me acomodado a um único modelo de pensamento e ser um professor com uma identidade fixa. Ser extremamente crítico e racional. Poderia me “deitar em berço esplêndido” e acreditar que tudo o que conheço seria suficiente. Mas entendo que como professor não poderei me acomodar, mas buscar sempre mais. No meu modo de entender, como professor vivo numa diáspora constante. Sempre em busca de algo mais e entender que todos os espaços são pedagógicos.

Sinto-me como alguém sempre em trânsito, em viagem. Sobre isso penso com Guacira Lopes Louro: “A imagem da viagem me serve, na medida em que a ela se agregam ideias de deslocamento, desenraizamento, trânsito.” (LOURO, 2004, p. 13). E segue dizendo a autora que “não há lugar de chegar, não há destino pré-fixado, o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto.” (LOURO, 2004, p. 13).

Vejo-me como um retirante e um itinerante ao passar por tantos campos do saber, um inconformado por não ter chegado a um fim e angustiado por saber que o trajeto ainda é longo. Fiz desvios e retornos num “processo que provoca desarranjos, desajustamentos, de modo tal que só o movimento é capaz de garantir algum equilíbrio ao viajante.” (LOURO, 2004, p.13). Nesse processo, tive que cruzar fronteiras, romper com o estabelecido, o definido, o puro para sair pelo mundo e subverter o que estava pronto e acabado, ou acreditava que estava.

Muitas vezes quis adiar o momento de cruzar a fronteira ao pensar em desistir de entrar para o doutorado em Educação. Minha preferência, nesse momento, foi adiar para permanecer numa via mestra e recusar a partida para outra via. Portanto, tive que romper com alguns preceitos filosóficos, teológicos, psicanalíticos e, por outro lado, pensei em recusar a romper com essas vias condutoras, porque me sentia mais cômodo para não tomar outros rumos.

Viajar por novos rumos não tem sido fácil porque às vezes surge algum empecilho. E como diz Louro: “A fronteira é lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto. Ela separa e, ao mesmo tempo, põe em contato culturas e grupos. Zona de policiamento é também zona de transgressão e subversão.” (LOURO, 2004, p.19). Os empecilhos seriam esses, não me deparar com a possibilidade de transgressão, de subversão, por me policiar demais, não querer conflitos, não me deparar com a ambiguidade, com a confusão.

Ao cruzar a fronteira, foi como sair de trás dos muros de um condomínio, sair de uma utopia. Christian I. Dunker salienta que:

A utopia é uma ilusão. Justamente por isso ela exerce a função reguladora própria do ideal. Quando a função de ideal é substituída pela função de um objeto determinado, está estabelecida a condição para os três tempos da fantasia do condomínio: fascínio totalitário, redução identitária e servidão voluntária. (DUNKER, 2015, p. 59).

Ao entrar para o doutorado e me deparar com os Estudos Culturais me senti um nômade, sem fronteiras definidas, como estivesse de passagem por um lugar provisório. Fui me dando conta de que o perfil de professor ideal é uma ilusão, não existe uma identidade definida do que seja um professor. Que a identidade é construída pela cultura e culturalmente construída. Isso, certamente, me acalmou um pouco, não totalmente, porque acho impossível me aquietar diante de tantas possibilidades.

A fronteira é um lugar social e que não há como lidar com sistemas binários: bom e mau professor, por exemplo. Existem atravessamentos constantes, desafios, que

escapam das certezas. Os modelos se mostram inúteis e que as fórmulas são inoperantes. (LOURO, 2004).

O meu temor tem sido sair fora do itinerário das certezas, pois estava invadido de subjetividades formatadas que determinavam meus atos, desejos e pensamentos. Entrar para o universo dos Estudos Culturais foi como um convite a repensar minha própria vida. (GALLO e VEIGA-NETO, 2009). Como se vivesse uma espécie de fundamentalismo pedagógico, do que seria um professor ideal, uma aula ideal. Por isso, me fundamentava em algumas certezas provisórias de forma absoluta como uma tábua de salvação (GALLO e VEIGA-NETO, 2009).

Estou pensando assim, também, depois de assistir o filme A Vila e estudar as reflexões feitas por Sílvia Gallo (2009) e Alfredo Veiga-Neto (2009). O filme retrata o medo dos moradores para sair do lugar de conforto e de certezas. Retrata o isolamento, o gregarismo teórico e a recusa da diferença. Na vila existem coisas sobre as quais não se fala.

Com os Estudos Culturais entendi que como é necessário falar de aquilo que se recusa a falar. Falar do que é proibido significa romper com as certezas, com o estabelecido. Significa transgredir certas normas, mesmo que essa ranja os dentes. (ZAGO, 2014). Segundo ainda Zago (2014) a norma estratifica e hierarquiza. A “norma fornece os limites para transgressões também pode se apropriar dos transgressores, normalizando-os.” (ZAGO, 2014, p. 146).

3 Adentrando no campo dos Estudos Culturais

Neste campo dos Estudos Culturais me sinto implicado porque estou ativamente mergulhado no campo da educação há muito tempo. Pesquisar essa área ao estar imerso nesse universo está sendo um desafio por um lado e, por outro lado, novos horizontes se abriram. Esse campo me interessava há muito tempo, mas não havia, ainda, encontrado um espaço que refletisse de forma tão ampla. Até mesmo em relação à pós-modernidade, tinha minhas reticências e resistências. Isso se deve ao fato de que estava “acostumado” – mas não conformado – com um espaço onde tudo esteve sempre determinado e não me colocava realmente o problema.

Insatisfeito por um lado, pela forma como vinha conduzindo, mas não encontrava um espaço para sair desse acomodamento ou, quem sabe, não queria encontrar e quando encontrei até pensei em não seguir em frente. E se não tivesse seguido em frente certamente teria me arrependido muito.

Como disse anteriormente estou implicado com esse campo da educação e isso me leva a tomar posições. Para Simone Mainieri Paulon isso significa um problema para a pesquisa e a pretensão de neutralidade. Por outro lado confere maiores possibilidades para conhecer em profundidade. (PAULON, 2004). Nesta reflexão tive que fazer escolhas para entender o que falei até aqui.

Os textos dos autores abordados me colocaram de vez nesse contexto e me abriram novos horizontes, apesar de algumas resistências e reservas iniciais. Enquanto que, ao mesmo tempo, fui percebendo que buscava isso há muito tempo. Portanto, os textos que utilizei para essa reflexão me deram uma ideia mais ampla do campo no qual estou adentrando.

Meu primeiro encontro com os Estudos Culturais em Educação foi ainda na preparação para a seleção de doutorado. Nunca havia ouvido falar de Stuart Hall e o texto para o processo seletivo: *A identidade cultural na pós-modernidade* deu pistas por onde seria o caminho a ser percorrido. Comecei a entender como a cultura atravessa o indivíduo, a sociedade e que a identidade é uma construção cultural. E como diz Hall: “... as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” (HALL, 2005, p.07).

Hall, em seus textos, fala da centralidade da cultura e do circuito cultural e como a cultura causa impacto sobre os modos de viver dos seres humanos e como “tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais.” (HALL, 1997 p.02). Aborda, ainda, a revolução da informação e como “vivemos em mundos crescentemente múltiplos e – o que é mais desconcertante – ‘virtuais’. A mídia encurta a velocidade com que as imagens viajam, as distâncias para reunir bens, a taxa de realização de lucros...” (HALL, 1997, p.02). Segue dizendo que “as revoluções da cultura a nível global causam impacto sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão à vida, sobre suas aspirações para o futuro – sobre a ‘cultura’ num sentido mais local.” (HALL, 1997 p.02)

De certa forma isso eu percebi, mas não estava entendendo o que acontecia. Claro que minha compreensão ainda é um pouco limitada devido à novidade de tudo isso. Mas a abertura para adentrar nos Estudos Culturais me levaram a pensar meu modo de ser docente e me inquietar ainda mais com as transformações que a cultura

provoca na vida local e cotidiana. Sempre me dei conta de que algo estava acontecendo, mas não entendia a causa desses novos acontecimentos, as atitudes dos alunos em sala de aula, o comportamento das pessoas, por exemplo.

Comecei a questionar as teorias do desenvolvimento que se estuda arduamente no curso de Psicologia; nunca me conformei direito com a divisão em faixas ou estágios o desenvolvimento dos indivíduos, mas não tinha outra alternativa. Hoje percebo a revolução que a cultura provoca na vida dos indivíduos e da sociedade como um todo, na vida cotidiana que não é mais homogênea.

A cultura está em constante deslocamento, e o tempo todo percebo que sou – ou somos – invadido cotidianamente por uma série de episódios que rompem com a rotina onde tudo estava delineado. Estou entendendo o que diz Hall: “A expressão ‘centralidade da cultura’ indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo.” (HALL 1997, p.05). O autor citado mostra como a cultura regulamenta, desregulamenta, governa-se através da cultura.

Causou-me surpresa quando estudamos artefatos culturais, sobretudo a história do walkman da Sony. Esse estudo abriu-me os olhos para ficar mais atento ao mundo ao redor e tudo o que acontece. Através de outros textos, percebi como muitas coisas estão cerceadas por relações de gênero, raça, etnia, enfim. São estudos que possibilitaram me dar conta do mundo contemporâneo, da pós-modernidade que tive muita resistência em abordá-la. Resistência, percebo, porque nada é fixo, mas tudo em constante movimento. Isso tira da zona de conforto e revoluciona o meu próprio mundo que, observo agora, estava se apequenando demais. Ser diaspórico significa, a meu ver, sair do lugar confortável e me deparar com o diferente, com o imprevisto.

4 No campo da educação

A cultura também estende suas raízes ao campo da educação. A educação não se separa da economia, do consumo, da política, enfim. Penso que não se pode ser cartesiano e separar tudo e colocar cada coisa em seu lugar de forma isolada. Apesar das críticas que os Estudos Culturais recebem, no meu ponto de vista não há como negar o quanto a cultura permeia os espaços e atravessa a educação também.

Quando iniciei o doutorado e me deparei com textos sobre Estudos Culturais, comecei a observar mais os alunos em sala de aula. Não mais um olhar somente psicanalítico, mas ampliado e atravessado pela cultura e pela pós-modernidade. Se antes procurava tirar conclusões e tentava chegar às verdades totalizantes, agora percebo que

não é possível. Por outro lado, nunca quis fazer isso, mas algo me impulsionava para tal. Muitos professores, alunos e outras pessoas quando me fazem uma pergunta relacionada à psicologia e/ou psicanálise, querem uma resposta definitiva e fechada. Mas após entrar nesse espaço dos Estudos Culturais, percebo que não é mais possível. Por outro lado, comecei a ter maior compreensão e ampliar o campo psicanalítico.

Em relação à educação o “conceito de realidade foi ampliado para além de qualquer ideia de comunidade, de espaço, tempo e lugar e, especialmente, de uma identidade cultural estável.” (COSTA et. All, 2003, p.58). Os autores seguem dizendo que cultura é uma arena, um campo de luta no qual o significado é fixado e negociado e não deixa de ser, também, lugar de luta pelo poder. No meu entender, não é um campo pacífico, mas em constante luta pelas escolas, aparatos, currículos e práticas. Por outro lado, entendo que educação vai além da sala de aula e se estende para o shopping, para a rua, o consumo e tantos outros lugares.

Ao abrir a possibilidade de educação para tantos espaços culturais, comecei a trazer para a sala de aula muitas outras maneiras de lidar com os alunos e com os conteúdos. Comecei a sair da zona do encaixe o que não tem sido tarefa fácil, porque encontro resistências. Às vezes tenho a impressão que muitos alunos primam pelo microfascismo pedagógico (GALLO e VEIGA-NETO, 2009), sem se darem conta de que os artefatos culturais têm suas políticas e pedagogias.

Os artefatos culturais dão um amplo significado para a sociedade contemporânea marcada pelo espetáculo e pelo consumo. (COSTA et. all, 2003). E não havia me dado conta de como isso afeta a educação e interfere nos alunos em sala de aula. Comecei a observá-los com mais atenção e fui me dando conta de como eles carregam esses artefatos culturais em seus corpos, material de aula, nas vestimentas dentre outros.

Os Estudos Culturais tem recebido muitas críticas. Portanto, abordar os Estudos Culturais não é um campo tranquilo, mas uma arena de conflitos e de lutas. Mas como diz Maria Lúcia Castagna Wortmann (2011), os críticos salientam que os Estudos Culturais operam à margem dos diferentes campos disciplinares e segue dizendo “... de certa forma, ao empreenderem tal incursão, posicionam as interpretações assim alcançadas como superiores e mais completas do que as obtidas nos campos disciplinares aos quais estariam buscando se articular.” (WORTMANN, 2011, p.166).

Diante das críticas Wortmann (2011) argumenta que “... todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação a outras práticas culturais e

estruturas históricas, incluindo-se aí o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade...” (WORTMANN, 2011, p.167).

De certa maneira eu também pensava como os críticos dos Estudos Culturais por acreditar que educação era somente o que se passava em sala de aula, os conteúdos das disciplinas e os demais ficariam de fora. Mas ao adentrar nesses estudos fui percebendo que não é assim. Não se pode separar o aluno da cultura, do social, do político, econômico, do consumo e dos artefatos culturais. Mesmo pensando assim percebia que algo faltava, algo não estava bem e precisava mudar alguma coisa na minha forma de ser professor. Procurava um modelo de docência e nunca encontrei e esbarrava em minhas próprias convicções.

Tais convicções foram se esvaindo ao ter contato com os Estudos Culturais. Sei que não têm a solução e nem pretendem isso, mas pensar a educação a partir da cultura. É como diz Wortmann em relação às críticas aos Estudos Culturais: “... projetos investigativos que articulam Estudos Culturais e Educação, posto que esses não são peculiares à educação.” (WORTMANN, 2011, p.171).

Wortmann responde aos críticos:

Minha intenção, ao fazer tais considerações, é questionar a possibilidade de alcançar-se a demarcação de temas e de procedimentos que possam ser identificados como eminentemente educativos e, também, apontar para a dimensão essencialista e, ao mesmo tempo, redutora, que tal busca implica. É minha intenção, também, destacar o caráter construído dessa busca, tantas vezes pretendida e invocada, especialmente quando são tomadas decisões relativas à avaliação de projetos educativos em suma dimensão moderna. (WORTMANN, 2011, p. 172).

A autora não propõe o abandono de todas as abordagens que existem em relação à Educação ao vinculá-la aos estudos culturais. Propõe uma articulação entre campos de diferentes níveis e nem pretende que essas articulações deem conta de tudo ao que se refere à Educação. Não se trata de algo idealizado. Sugere, a autora citada, que é preciso examinar de forma detalhada o que envolve a educação.

Tais articulações permitem descentralizações e a ampliação de conexões e o cuidado a ser tomado se refere à ambição à totalidade. Wortmann (2011) propõe o cuidado para subjugar tudo aos Estudos Culturais. Tais articulações ganham importância para a configuração das análises culturais, apesar de prometerem muitas coisas, mas não garantem nada.

Outros estudos que me provocaram foram os textos sobre o arquiteto Frank Gehry (HARVEY, 1993; COSTA, 2014), que, através de seus projetos arquitetônicos, mostra que tudo está em movimento. Confesso que na primeira vez que vi seus projetos

executados os achei estranhos, esquisitos e “feios”. Mas ao entender o significado, o que pensava a seu respeito mudou e vejo que seus traços, aparentemente desarmônicos, manifestam bem o pós-modernismo e pude entender mais um pouco da virada cultural.

Sobre tudo o que relatei até agora, muitas vezes ouvi falar sobre o que foi tratado mas me perguntava: de onde vem tudo isso? Não encontrava esse lugar, mas aos poucos fui entendendo e percebi que essa aproximação com os Estudos Culturais abriram os caminhos para refletir e conhecer a modernidade líquida (BAUMAN, 2001). Penso que entrar nesse campo é preciso ser, também, diaspórico. Digo isso porque um dos aspectos que percebi foi que os espaços pedagógicos não se restringem somente à sala de aula, mas vão além dos muros da escola ou da faculdade. Na verdade eu era mais um alienígena em sala de aula e não estava me dando conta.

Não me dava conta porque estava acomodado nos conceitos e metanarrativas e vivendo num contexto onde ainda estas imperam. Não sabia de onde vinha o desconforto que me assolava com frequência, pois alguma coisa estava faltando e não sabia o que era. Ao entrar para o universo dos estudos culturais mais problemas me coloquei, mais perspectivas se abriram. Tive que romper com verdades definitivas que sempre me perturbaram.

5 Comentários finais

Como tenho percebido nos Estudos Culturais, na pós-modernidade ou modernidade líquida, não se chega a uma conclusão definitiva, ou seja, tudo fica em suspensão, sob rasura. Porém o que posso dizer como comentário final é que muitas coisas que acreditei como verdadeiras hoje coloco sob suspeita, enquanto que outras áreas de conhecimento se ampliaram e pude compreender melhor.

Sinto-me um sujeito diaspórico, sem um lugar definido, sem um terreno seguro, até mesmo sem uma “pátria” onde me aninhar. Mas me sinto mais aberto ao novo, ao diferente. Saber que a fluidez causa desconforto, impulsiona para outros espaços e, nesse caso, o espaço da educação.

Nesse espaço sempre me senti desconfortável, apesar de gostar muito desse campo. Sentia tudo muito fechado em modelos, paradigmas e tentando buscar ou encontrar um ideal, um modelo paradigmático. Apesar de não gostar muito disso me questionava onde buscar algo diferente.

Nesse texto, procurei mostrar isso, minha caminhada até aqui e sei que tenho muito a percorrer, que nada está fixo e determinado, nem mesmo eu como professor há tanto tempo. Percebo novos rumos, novos termos. E ser diaspórico significa, para mim,

estar sempre em movimento, não estar parado e fixado em algum lugar. Minha própria trajetória acadêmica mostra isso, os percursos que fiz, por onde andei sempre em busca de algo mais. Ou seja, sem me acomodar e perceber que algo mais existe. Sair da “vila” e de dentro dos “muros” para encontrar outros espaços pedagógicos.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DU GUY, P. et.al. Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman. London: Sage, 2003.

GALLO, Sílvia e VEIGA-NETO, Alfredo. Fundamentalismo & Educação, Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... et al. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. A identidade cultural na pós-modernidade. DP&A editora, 2005.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993.

LOURO, Guacira. Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade na teoria queer. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

PAULON, Simone M. A análise da implicação como ferramenta de pesquisa-intervenção. In: Pesquisa-ação e Pesquisa-intervenção: desafios e conquistas. scielo/v17n3/a03v17n3, 2004.

COSTA, Marisa et. all. Estudos Culturais, educação e pedagogia. In: Estudos culturais e educação. Revista Brasileira de Educação, maio/junho/julho/agosto de 2003, nº23.

_____. Cultura e pedagogia: lições da espacialidade revolucionária de Frank Gehry. In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 39, nº 1. P. 163-180, jan/mar. 2014.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagno. Algumas considerações sobre a articulação entre Estudos Culturais e Educação (e sobre algumas coisas mais). In: Cultura, poder e educação: um debate sobre os estudos culturais em educação. (org. Rosa Maria Hessel Silveira) – 2ª edição – Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

ZAGO, Luiz Felipe. Quando a norma range os dentes – corpo. Norma e transgressão. In: Textura, Canoas, nº 31, p. 140-155, maio/agosto de 2014.